



○ NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00



EDITORIAL

O problema da limpeza da nossa terra veio-nos à mente outra vez ao lermos, um dia destes, a secção «Escreva connosco» do JN. Lá contava o articulista que uma senhora andava a passear o seu cãozinho numa das avenidas, cremos que da cidade de Barcelona. A certa altura, o animal parou e fez cócó. Terminada a função, a senhora rapa de um saco de plástico e com um papel a ajudar mete nele o dejecto lançado pelo cão. De seguida foi deitá-lo num balde que havia ali por perto.

Isto revela um elevado e até invulgar grau de civismo patenteado por um cidadão, neste caso uma cidadã, e é por isso que nós não temos a certeza se o caso se passou em Barcelona se na Suíça. É que da Suíça contámos já aquela história de um jovem médico português que numa

cidade deste país se encontrava numa paragem de autocarros, esperando transporte. A certa altura lembrou-se de fumar e então rapa de uma carteira, retira um cigarro e, vendo que não lhe restava mais nenhum, lançou-a fora. Nisto, uma senhora que também se encontrava na bicha, toma a carteira abandonada no chão e vai entregá-la ao fumador, murmurando: «Nós também não a queremos».

AINDA E SEMPRE A LIMPEZA

Que de anos-luz estamos nós distanciados daquele país! Ora ouçam: no domingo passado foi a inauguração do Posto Náutico de Fão. Momentos antes, o Presidente do Clube da Canoagem, Né Vieira, deu uma volta em redor do edifício a ver se estava tudo em ordem. Qual não foi o seu espanto quando num vão do Posto Náutico deu de caras com um grande «presente» (Há quem lhes chame **poio**, **pó-lícia**, etc.).

Íamos quase dizer que ali estava a expressão, o retrato da nossa maneira de ser mas não vamos assim concluir pois felizmente na nossa terra há muita boa gente que não pensa nem procede assim. No entanto existem franjas da população de quem o civismo, a cultura e o decoro andam arredados. A não ser que naquele dispensatório, naquela mostra, alguém queira fazer sentir o seu despeito partidário. Não o cremos. Deve ser uma questão de nível cultural que ainda não chegou a algumas famílias.

Somos uma terra com leganda turfística e, portanto, com responsabilidades. Por mais que nós alegremos com as dádivas com que a natureza nos brindou: rio, pinhal e mar, tudo isso não chega para fixar ou atrair o estrangeiro. É verdade que somos simpáticos para quem nos visita. Até quase subservientes. Falta-nos, porém, o asseio. O pinhal, como sabemos, está uma lástima. Mas aí não temos culpa, nós os da terra, mas somos culpabilizados por isso. A entrada da Avenida

(Continua na pág. 2)

ANTÓNIO VIANA DIZ ADEUS ÀS CARTAS

Ao António Viana foi concedida a aposentação em tempos solicitada. O Novo Fanguieiro regista o evento. Será que merece um jantar de homenagem? Será que merece palavras de louvor? A primeira vista parece que não. Começemos por outra banda: quando é que um funcionário na hora da despedida se torna credor de uma festa? Só porque foi um bom funcionário? A nós nos parece que ser bom funcionário é a obrigação de qualquer empregado, pois ele limitou-se a cumprir o seu dever. Para isso lhe pagavam.



António Viana

Só que existe o mau funcionário, existe o bom funcionário, ou seja o funcionário cumpridor e existe o funcionário que se excede.

Em rigor o «bom funcionário» é aquele que cumpre com as suas obrigações. Não merece pois qualquer homenagem nem sequer o epíteto de «bom». Para ser funcionário cumpridor, lhe pagam. Se os ordenados são baixos isso já é outra coisa.

Agora existe o funcionário que se excede. O que é isso? E fazer demais do que aquilo que deve. Ter um atendimento excelente, ser cooperativo, fazer coisas fora da hora e de lugar, advertir para as consequências de uma decisão tomada, importar-se sobretudo em satisfazer, alegrando o cliente. Nesta ordem de ideias e sempre que matutamos neste tema, vem-nos logo à ideia como prototipo deste bom perfil a imagem do nosso professor Pio Rodrigues que dava aulas sem horário. Muitas vezes, quantas vezes convidava um ou dois escolares para comer «lá em cima» que era a sua casa. Isto marcou-nos.

Bem, depois deste anteloquio, onde vamos situar o António Viana como carteiro? Sem duvida nos funcionários que se ultrapassam. Se vinha uma carta com a direcção errada, ele indicava o sítio certo onde devia entregar o correio. Se não vinha o nome da rua, muito menos o número, ele procurava atingir a morada certa. Mesmo fora de horas ele levava a sua mensagem a quem ela era dirigida. Temos um exemplo: por mais de uma vez apareceu a entregar o jornal «O Novo Fanguieiro» ao Sábado. Aliás, para sabermos como ele era bom, atentem na barafunda que vai com este carteiro novo. Só de uma vez puseram-nos na caixa postal três cartas que não nos eram dirigidas. Lá andamos nós a fazer de carteiro também. Claro que isto é no princípio, já sabemos, mas se o boletineiro entrante tivesse estagiado um mês com o

António, não era nada disto. A falha foi dos Correios.

Dado o exposto, entendemos que o António Viana, sempre jovial, sempre pronto a fazer vontades, sempre disponível, merece o reconhecimento de todos os fanguieiros e para isso torna-se necessário que os seus amigos mais íntimos promovam um jantar de homenagem que nós achamos mais que justa, pois ele não se limitou a cumprir mas excedeu-se no cumprimento do seu dever.

Lá estaremos para lhe pagarmos o muito que o jornal lhe deve.

ENTRE NÓS

Tivemos o grato prazer de abraçar o nosso conterrâneo Boaventura Pelxoto que é um grande entusiasta de «O Novo Fanguieiro».

Foi para nós gratificante ouvi-lo falar do nosso jornal. Diz ele, e é verdade, que o «N.F.» é um elo de ligação entre os emigrados fanguieiros. Tudo fazemos para isso e se outra virtude não tivesse o mensário de Fão, (e tem outras, sem dúvida) bastava essa para justificar a sua existência.

Podemos dizer que a maior parte das fotografias que imprimimos tem o objectivo principal de levar aspectos da nossa terra aos fanguieiros ausentes.

Bem baixas, Tura.

★

Do Brasil, encontra-se em Fão, na casa da Avó Beatriz, a jovem Adelina Beatriz Viana Espojeiro. E bonita, a cachopa! Que se sinta bem entre os seus, são os nossos votos.

★

No Brasil esteve recentemente o jovem e premiado casal Maria Armada/António Gomes do Vale.

Trouxe-nos uma nova assinatura doseu tio e nosso conterrâneo Félix Gaifém. O nosso muito obrigado.

FANUM BARIUS

Convidamos os nossos estimados clientes e Amigos a participar na Festa de 1.º Aniversário de FANUM BARIUS, no estabelecimento, às 22 horas do dia 21 - Set - 92.

Henrique Lopes

AGRADECIMENTO

A família de Manuel Ramos Ferreira vem por este meio agradecer muito penhoradamente todas as manifestações de pesar e de solidariedade que lhe foram prestadas por ocasião do falecimento do seu ente querido.

Agradece

A FAMÍLIA

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

António Veiga dá uma sensação de desmazelo chocante, desmazelo este que contrasta vivamente com a airocidade do edifício do Banco e do Pãpã II. As ruas da vila não são também um primor de limpeza. As pessoas, algumas pessoas, continuam a conspurcar o rio e as margens do mesmo.

Quer dizer: a história do «polícia» não é um caso isolado, mas apenas mais uma manifestação de uma certa maneira de ser, de uma mancha da população, maneira de ser que tem de ser definitivamente erradicada. Só assim progrediremos em nível cívico, só assim seremos terra promissora de turismo, só assim seremos o exemplo que devíamos dar.

FALECIMENTOS

Vítima de doença que não perdoa faleceu num quarto particular do Lar da Terceira Idade, em Fão, o nosso conterrâneo Manuel Ramos Ferreira, com 74 anos de idade.

Como dissemos no último número do nosso jornal, Manuel ferreira fundou o primeiro café (concepção moderna) em Fão, fomos a dizer, no concelho, café que não se aguentou pelo mesmo motivo que se não aguentou a Pastelaria Mar e Rio. Foi para a África onde esteve bem colocado até ao 25 de Abril e depois teve que voltar para a Metrópole.

Empregou-se de seguida no concelho de Famalicão até que surgiu a doença traiçoeira que o havia de levar para a cova.

Que descanse em paz.

★

Também faleceu em Fão Maria Cândida Pedrosa Lima com 37 anos de idade.

À família enlutada os nossos pêsames.



DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

CANOAGEM

A ENCRUZILHADA DE UM CANOISTA

Chama-se José Miguel de Sousa Soares Pedras, tem 16 anos e ingressou no 11.º ano na Escola Secundária de Esposende. Abandonou o futebol e pratica a canoagem. Na sua categoria só um canoista de Palmela é que lhe bate o pé. Um segundo Penetra? E o curso de engenharia civil?

That is the question. Vamos ouvi-lo.

— *Como é que apareceste na canoagem?*

— Ao ver os mais velhos andar de canoa, senti vontade de experimentar como era. Eles deixaram-me entrar e eu fiquei por lá. Tinha então 9 anos.

— *Isto quer dizer que já andas na canoagem há sete anos.*

— Mas a sério só ando há três, pois no princípio treinava apenas no Verão, uma vez que jogava também a bola.

— *E depois deixaste o futebol, foi?*

— Tive que optar: futebol ou canoagem. Eu optei por esta.

— *Também és estudante?*

— Sim, frequento o décimo primeiro ano.

— *Achas que a canoagem nunca te empatou os estudos?*

— Não porque eu consigo distribuir bem o tempo. Eu tenho a consciência que os estudos devem levar mais horas que o desporto. Quando tenho que estudar, não posso fazer treinos, mas quando tenho tempo para treinar, eu vou treinar. Quando tenho pontos, não treino.

— *Estás com um bom nome na modalidade. Conquistaste já muitas vitórias?*

— A nível regional, no 2.º ano, não havia grandes adversários. Só o Prado é capaz de nos fazer frente. Mas fomos campeões nacionais há 3 anos em K4, nos 5 mil metros. Obtivemos o 2.º lugar em K4, 500 metros e em K2, 500 metros fomos terceiros.

— *Quem formava equipa do K4?*

— Eu, o Artur Hipólito, o Alberto Ferreira e o Moreira.

— *E em K2?*

— Eu acompanho o Artur Hipólito.

— *Isso tudo em infantis. E agora?*

— Sou cadete e para o ano serei júnior. Faço K4 nos campeonatos de velocidade. Ao longo da época, faço K1 e K2. Eu opto por K1. Em K1 fui 3.º e agora, no Campeonato de Promessas (infantis e cadetes) que contém 3 provas fomos à 1.ª em V. N. de Cerveira e fiquei em 3.º lugar. Não fomos a Mértola e agora há a 3.ª prova na Pateira de Fermentelos.

— *Disseram-me que recentemente obtiveste três medalhas de prata.*

— Isso foi em Melres. Fiz K1 no 2.º lugar; em K4, 500 metros, ficamos também em 2.º lugar e conseguimos o mesmo resultado em K4, 500 metros.

— *Ora bem. Tu praticas desporto e inegavelmente isso dá saúde e, pelos vistos, traz-te alegria. Mas é só isso o que a canoagem te dá?*

— Fazemos bom convívio entre todos os atletas, mesmo de clubes diferentes. Fora de água damo-nos todos bem. Foi aliás, uma coisa que me deixou admirado. Este ano fiz três estágios, dois em Entre-os-Rios e um terceiro em Lagoa. A canoagem é excelente, embora cada um procure obter a melhor classificação.

— *A Federação paga os estágios?*

— Paga a estadia e a comida. Acontece às vezes que esta não é a mais adequada para os atletas e então a gente lá tem que comer fora à nossa custa. Foi o que aconteceu em Lagoa.

— *Quanto tempo gastas em treinos?*

— Duas horas, quando em tempo de escola. Agora, quando estou de férias, é de tarde e à noite. Só apareço em casa para comer.

— *Achas que se mantém o mesmo entusiasmo entre a rapaziada?*

— Sem dúvida. E agora com o posto Náutico vai ser melhor.

— *Quantos sois?*

— Entre 15 a 20 a prestar provas. Agora para a iniciação apareceram outros tantos.

— *Quem vos treina?*



José Miguel de Sousa Soares Pedras

— Ninguém. Somos nós que nos treinamos a nós próprios. Quanto aos mais novos são os mais velhos que lhes dão a mão. Eu já dei uma ajuda o ano passado e continuo este ano. Em relação a outros clubes estamos em desvantagem. O Mértola, por exemplo, tem dois treinadores. Nós temos os directores que nos ajudam quanto podem. Por exemplo, o Né Vieira, o Costa e o Lázaro Penetra dão-nos todo o apoio.

— *Como vêem o Belmiro Penetra?*

— Com muita admiração e orgulho, por termos assim um companheiro nosso.

— *E o teu objectivo não é seres um outro Belmiro Penetra?*

— Eu digo que isso é um bocado difícil porque, como já disse, em primeiro lugar tenho os estudos. Depois o tempo que sobra é para a canoagem. Eu já pensei deixar os estudos e optar pela canoagem, mas tive medo de dizer ao meu pai porque ele não aceitaria tal coisa.

— *O que é que pretendes ser?*

— Engenheiro civil.

— *Bem, então é preciso conciliar as duas coisas.*

— Mas para ser como o Belmiro Penetra isso não dá. Um atleta de alta competição não pode conciliar as duas coisas. O Belmiro está sempre a treinar. Não tem tempo para mais nada. E para ser como ele eu tinha que fazer uma opção. E assim tenho que pensar no fu-

turo e a canoagem não dá. Dá, é verdade, honras e alegria, mas é só naqueles momentos, mas para mais tarde não chega. Acho então que não se pode ser um Belmiro Penetra fazendo as duas coisas. É por isso que eu tenho de pensar bem e não ir atrás das emoções.

FUTEBOL

O C. F. de Fão começou a nova época com muita actividade. Treinos quase todos os dias (diga-se noites pois o profissionalismo ainda não chegou). Jogos particulares também têm efectuado bastantes. Em Palmeira com o Estrela de Faro, a equipa fangeira empatou a uma bola. Em Fão perante o Esposende vencemos por 2 a 0. Apesar das boas relações existentes entre os dois clubes (longe vão os tempos das guerras e do ódio, e ainda bem) os nosso vizinhos não se dignaram enviar uma equipa para bater o pé aos fangeiros. Compreendemos que nesta altura as preocupações deles são diferentes das nossas, pois são uma equipa que milita na 2.ª «B» Nacional e o seu plano de trabalho, em princípio de época, é muito mais carregado do que nos regionais. Daí os seus interesses não se compatibilizarem por vezes com os pedidos feitos por equipas que pretendem para início de época um cabeça de cartaz para apresentação dos seus jogadores.

Só quem não gostou deste contratempo, além dos dirigentes fangeiros, foi o público da casa que perante a fragilidade da equipa júnior esposendense não pôde assistir a um jogo que mesmo particular, seria motivo de expectativa.

Restou-lhe uma consolação: foi ver que a maioria dos elementos da «capital» eram miúdos fangeiros que desde há já uns anitos atrás, vão militando nas camadas jovens desta e de outras equipas do concelho, menos em Fão. E com muita mágoa e satisfação ao mesmo tempo relembramos isto: se não existisse a canoagem, o que havia de actividades desportivas para os adolescentes da nossa terra? Não nos devemos esquecer ainda do andebol de Esposende que igualmente activa tantos jovens de Fão, alguns deles até com muitas aptidões para a modalidade, casos de Mário Gomes, Miguel Solinho e Luís Pereira. Este até tem sido um elemento assíduo nos estágios da selecção nacional juvenil.

Se quiséssemos entrar em polémicas, nós diríamos algumas verdades sobre a inexistência do futebol juvenil em Fão, mas isso iria estremeçar de vergonha alguns maiores do futebol da nossa praça. Portanto ficamos por aqui e retomamos o fio da meada que é a actividade da equipa de futebol de Fão neste início de época.

Além dos jogos já citados, houve no fim de semana um torneio quadrangular cujos resultados foram os seguintes: Antas, 1 - Estrelas de Faro, 3; Fão, 2 - Profense, (concelho de Famalicão), 0. Na final o Fão bateu o Estrelas de Faro por 5 a 0. Ora bem, aqui outro galo cantou. Os associados ficaram satisfeitos, os críticos até se empolgaram com o bom futebol do princípio da temporada. Pela nossa parte, gostámos muito sinceramente da equipa. Teve bons lances de futebol no conjunto e boas exibições individuais. Sem melindrevamos citar duas: Henrique (ex-Gandra) e Gonçalo (ex-Vilachá). Já agora apresentamos para mencionar outras aquisições recentemente feitas: Manuel Fernandes (ex-Marinhas), Alexandre (ex-Gandra) e José Luís (ex-Antas), este já conhecedor dos cantos da casa.

A contarmos com os elementos que transitaram da época passada, e são eles: Pedras, Barcelista, Valdemar, Paulo Eiras, Rogério,

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Estão a saborear os últimos dias de férias, não? Fazem bem em aproveitar este tempo, já com um certo ar de Outono, para se prepararem para o retomar das lides escolares, em força! Bom começo, são os nossos votos amigos.

O CANTO DA PAZ

Por MARTA MARIZ MENDES

Um dia, sentei-me junto de um regato. E mergulhei nele o meu braço. Olhei para o Sol de fogo que se punha atrás de mim, e parecia desaparecer na nascente do rio. Vi os patos voarem em direcção ao Sul. Vi as flores fecharem as suas pétalas.

E ouvi aquele suave canto de um pássaro só, triste e singular. Um pássaro que não era maior que a mão de uma criança. E sorri.


Olhei outra vez, e o pássaro estava pousado na mão pequena de uma criança. Olhava-me, muito calma, como se esperasse por mim. Deu-me o pássaro e disse-me, com a sua voz débil e suave, para eu o levar para a minha cidade. Para que ele pudesse cantar da árvore mais alta e fazer com que os homens se ouvissem uns aos outros e as guerras acabassem.

E no momento em que o fiz, o canto do pássaro elevou-se acima de todas as guerras e disputas, acima das vozes dos homens.

E transformou-se numa pomba muito branca e bela. Assim nasce a lenda da Pomba Branca da Paz, que foi um pássaro insignificante nas mãos de uma criança.

Fiz este texto para todas as crianças do Mundo. Para que estejam conscientes da sua importância, pois todas elas transportam a ave da Paz... no coração!

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

PAUSA PARA SORRIR

Num exame de Geografia. O examinador pergunta ao aluno:

— Diga-me qual é a cidade mais populosa do Mundo.

Responde o jovem, rápido:

— É Burgos!

— Burgos?? — estranha o professor. Em que baseia a sua afirmação?

— Então o Senhor Doutor não vê que há *burgueses* em toda a parte?...

★

Dois malucos encontram-se ao virar de uma esquina e chocam um com o outro.

Oh! Perdão! — exclama um deles.

Não tem importância — responde o outro.

— Espere! Parece-me que já o vi antes, em qualquer parte... — diz o primeiro.

— Tem graça! A sua cara não me é estranha... — replica o segundo.

— Terá sido na Califórnia? — volta o primeiro a perguntar.

— Não. Eu nunca estive na Califórnia — afirma o outro.

— Também eu não — volve o primeiro.

— Então é porque não somos nós — conclui calmamente o segundo.

E foi cada um para o seu lado.



Desenho de MARÍLIA

SE TU SOUBESSES

*Se tu soubesses...
Se tu soubesses como
as horas a passar, dos
dias passando, sem
parar,
Vão levando o melhor
da nossa vida!
Se tu soubesses...
Se tu soubesses não
esperavas, decerto, o amanhã
e agarravas, com força, o hoje
na corrida.
Se tu soubesses...
Se tu soubesses como doí
a madrugada, como queima
a alvorada, e o vento!
Se tu soubesses...
Se tu soubesses como a
esperança, já cansada,
se despiu da coragem
que ostentava
e já não espera — nada.*

SU

CHOVE

*A chuva cai.
Abate-se, ainda que gentilmente,
Sobre as ruas frias da cidade.*

*Escorrega pelas paredes do Mundo
E, lentamente,
Vai despertando*

*As consciências
Daqueles que a ouvem.
Como a uma voz.*

*Uma voz que
Fala baixinho,
Mas que se insinua*

*Neste falso silêncio
Da noite,
Que já nem escura é.*

*E continua
A cair lá fora,
Embalando-nos*

*Com a sua melodia
Suave e fresca.
E é nestas alturas,*

*Roeados de coisas simples,
Que começamos a dar importância
Aos actos da humanidade.*

*Parece estranho
Que a calma e o sossego
Sejam aquilo*

*Que nos acorda
Para a vida.
Talvez porque*

*Seja isso
O que falta nela.
Talvez porque*

*Caminhamos no tempo
Distraídos e albetos
Ao que se passa*

*Nas entranhas
Da terra.
Deixem-se adormecer*

*Com o barulho
Da chuva,
E partam nesse*

*Sonho irreflectido
E vital
Que nos abre*

*As portas
Para a natureza!
Para a verdadeira existência!*

MARTA (16 anos)

DIZERES

Temos mais uma colaboradora. Trata-se de Maria Rosália Cardoso Oliveira (Zairinha Tuta) que se revelou uma colecionadora de frases célebres, adágios, provérbios, anécdotas e similares. Eles não vem assinados e seria bom que o leitor culto os identificasse, mandando-nos o nome dos seus autores. um jogo interessante ao fim e ao cabo.

— Casamento não é solução de vida. É um acto circunstancial.

— As mulheres legítimas, são como o dinheiro, só se lhes dá valor quando se não tem.

— Que ama a mulher num homem que anda sempre atrás de novas conquistas?

O fascínio que ele exerce sobre as outras mulheres.

— Algumas pessoas não têm amor dentro de si. Só têm zanga e ódio.

— É bom saber que alguém nos espera.

— No amor, a piedade gera repulsa.

— Dizer que se gosta de alguém é fácil, mostrá-lo é difícil.

— O amor não rebaixa ninguém. Só engrandece.

— Não receie sonhar. Tentei caminhar sem sono e café.

— Não há nada mais forte no mundo, que a ternura.

— As razões do coração são mais importantes que as razões da razão.

FÃO DE ANTIGAMENTE — É UMA FESTA DOS BOMBEIROS



Vamos ver se nos lembramos dos nomes todos. Em primeiro plano e de costas vêem-se os olhos do QuiQui e o dorso do dr. Alcú. Dorso e meia cara. Na fila da frente temos o velho Careta, logo seguido do Alberto Bébé, ambos fundadores, e ainda o Casanova, o Xico Regina, o Amândio Padeiro, o Zequinha Folheteiro, o Quim Chita, o Joaquim Solinho e o Zeca Barqueira. No intervalo vemos o António Lapa Pinta e o Martins. Na penúltima fila temos o Vinte (Manuel Mena), o Xico Pomba, o Ciro, bombeiros fundador, o Quenor e o Zé Barbeiro. Vamos para a última: o João senhorinha, o Zé Sá Pereira, e o Cerqueira no meio dos dois Matias. A seguir está a Lélé e, de pé, parece-nos, o Taborda.

Esta fotografia deve ter uns quarenta e tantos anos.

FESTA



DO

MARISCO

Sábado, 19 de Setembro de 1992
Às 21 horas

A realizar na:

Estalagem Zende

ESPOSENDE

Jantar Dançante

Noite de Variedades

Muita Música

Espectáculo e Animação

Com a participação da
melhor Orquestra Nacional:

Shegundo Galarza

As Moleirinhas das Marinhas

Nel Garcia

Samuel Cabral

Albano Silva

Maria Dulce

Ementa

APERITIVOS

Pasteis de Bacalhau
Rissóis de Camarão
Croquetes de Vitela
Camarão da Costa
Ameijoia com Limão

MARISCOS

Creme de Marisco
Arroz de Marisco
Camarão à Africana
Camarão Tigre Grelhado
Sapateira Recheada
Gambas do Algarve
Lagosta ao Natural

SOBREMESA

Pudim Francês
Bolo da Festa
Ananás
Torta Gelada
Café

CAVE

Espumante Natural
Vinhos Verdes (Adega de Viana)
Maduros (Fundação)
Whisky
Brandy Império
Bagaço Minhoto
Porto Doce
Sumos e Refrigerantes
Cerveja Estrella Galicia

Preço por pessoa 7.900\$00

DESASTRE

No dia 9 deste mês à noite faleceu o nosso conterrâneo Cândido Lavandeiros do Monte em virtude do automóvel em que seguia ter chocado com um camião na estrada Fão-Póvoa.

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLECCÃO NOVA
PARA GENTE NOVA

SETE DIAS
E SETE NOITES

CORRE, MICHAEL!
CORRE!



EDIÇÕES ASA

FEIRA DE RETALHOS

Por QUIM DE FÃO

• Rescaldo de um Verão morno.

Setembro chegou, empurrado por chuva miudinha e noites de vento agressivo.

A praia está despida de barracas e veraneantes. Só restam os paus que esperam a sua retirada, depois do dever «mal-cumprido». Já que os clientes optaram pela exposição à nordestada tradicional.

Num balanço de «olho clínico» há males que se mantém e que deveriam ser expurgados da zona balnear quer no pinhal; quer na placa de estacionamento em frente à praia e Hotel de Ofir, quer mesmo no velho e esburacado coração de Fão. O trânsito/circulação e estacionamento fazem lembrar um país terceiro-mundista. Cada um estaciona onde e como quer. Sem Rei nem Roque; sem medo da multa ou dos interesses de terceiros. Nem a ambulância dos nossos bombeiros escapou a este pandemónio. Algumas vezes ficou imobilizada na rua Azevedo Coutinho só porque alguém se lembrou de comer um travesseiro, de meter uma carta no «buraco» dos C.T.T. ou de comprar uns quilos de «comida» nas proximidades... Deixar um carro, mal estacionado, nesta zona é entupir o buraco do vazadouro. A Autarquia, se não tiver medo de perder meia dúzia de votos, que pelos vistos passarão para o P.S. terá de repensar a circulação dentro de Fão. Não vai ser fácil, mas há terras mais antigas e com ruas mais estreitas onde o trânsito funciona às mil maravilhas: Óbidos, Nazaré, Sesimbra, são um exemplo de eficiência. Aí nem os «Franceses» transgridem. E certo que a G.N.R. não pode acorrer às três vilas marítimas: Esposende-Apúlia-Fão. Em qualquer uma delas o cancro/estacionamento é o espelho da bagunça.

• No último número um leitor identificado clamava «no deserto» para o «esquecimento» de referir o nome de Fão na medalha comemorativa do centenário da Ponte de Fão. Tem toda a razão, só que agora a ponte é do Luís Filipe que não veio nem mandou alguém com preocupação ao seu baptizado. Na altura andava à caça às rolas em Vila Viçosa e mandou às malvas a inauguração.

Há cem anos como hoje, somos um povo quase marginalizado nestas coisas de competição. Quando fazemos ou possuímos algo que nos identifica e nos envaidece, logo nos mudam o nome.

Ofir pertence a Esposende (nos mapas turísticos); a ponte (Luís Filipe) e agora, mais recentemente, os patos. há!! estes, como são uma «desgraça ecológica», existem sob e junto à ponte de Fão.

• Vocês, «todos», sabem que a nossa Junta não é pirotécnica, quer dizer não são fogueteiros porque têm medo de apanhar as canas, mas às vezes precisam de umas canadas, isto é, dois quartinhos de verde para se lembrarem que são estes pequenos pormenores que nos identificam; não gostam de homenagens e nas inaugurações nem todos se fazem representar. E uma junta amputada de palavrório; só trabalha no «silêncio». «Bocas» nem ouvi-las.

• Pelo que soubemos, verdade ou mentira?, as medalhas vão ser recolhidas e oxalá não aconteça ao leitor identificado o que aconteceu ao arqueólogo-funcionário da Secretaria de Estado da Cultura que por ter criticado a actuação daquela Secretaria levou um puxão de orelhas... Mas, como vivemos num país livre, pode ser que não haja reprimenda. Sem comentários... e os nossos aplausos ao leitor corajoso que comprou a medalha...

• Sempre gostei de participar nos momen-

tos bons e maus da terra. No futebol estou presente a mandar «bocas» aos treinadores de bancada; nas festas participo com os meus tostões e ultimamente com uns copos; diz-se-que-diz do socairinho também ouço, mas evito a opinião. Nunca acredito, a não ser que me provem. Mas, já fui saneado das procissões — dos ricos —; agora sou saneado das homenagens. Também nos parece que um homónimo caído em Fão, me saneou, não deixando que a minha alminha vá para o céu e que o badalo toque na hora do embarque. Não sabe ler ou finge. Estou-me «emerando» para isso... Mas esta terra, Fão, passa pela necessidade de uma lavagem. Está a faltar-lhe o nervo — outros ditariam uma palavra mais escabrosa mas desta família — desta família ou da do Frade do Cais.

Ultimamente falta a coragem a uns estuportos de darem a cara e vai daí o uso de textos anónimos, metidos debaixo das portas, a pintura nas paredes com insultos e até o telefone a altas horas da noite. Filhos da pauta — escreva pauta — porque sem o (a) é feio. Já me riscaram o carro; já usaram o telefone; já me atravessaram outro veículo; já me ameaçaram só porque não vou à missa deles...

Calminha, amigos, em política como em jornalismo eu não estou interessado nos tachos. Se escrevo umas larachas, é só para pôr a nu problemas locais. Não atinjo pessoas. Apenas é só... cargos. Dou a minha opinião... e responsabilizo-me por ela. Não encubro o meu nome. Processam-me. Mas falta-lhes coragem. Não pintem paredes... não escrevam textos anónimos. Usem o jornal como eu; não façam fotocópias, batendo neste ou naquele. Respeitem o cargo, a dignidade e o homem. Afinal, os que se cobrem com o rosto da noite e do anonimato são cobardes com b de asno.

• De vez em quando, pergunto ao Director e Proprietário do «Fangueiro» se algum jornal foi devolvido ou se teve «críticas» negativas, devido às minhas «Farpas». Falta de concordância com a minha opinião, houve, há e haverá, mas a maioria dos leitores aprecia-as. Muito obrigado... porque não quero perder o «emprego». Este Verão, foram alguns os emigrantes, os Fangueirinhos a trabalharem pela Europa e não só, que me disseram e fizeram sentir o calor com que o jornal é recebido e lido. Eu imagino! Também gostam dos textos do Quim, mas lamentam-se da falta de noticiário. Querem saber quem nasce, quem casa e quem morre. Aquilo que para nós, que habitámos cá, não é notícia, para voós, emigrantes é um elo, um laço que vos une à terrinha. Eu compreendo e vou tentar que o Director com apoio informativo, a vários níveis, melhore o noticiário.

• Já agora uma notícia com muito interesse: «A Santa Casa da Misericórdia publicou um livro com a história da instituição. Numa leitura «de praia» posso afiançar-vos, leitores amigos, que é o melhor que se fez até hoje. Vale a pena a sua aquisição. Por ele e através de textos muito bem elaborados e com uma profunda pesquisa nós vemos o filme da vida de Fão através de três séculos e do papel da Santa Casa. Está a venda na Secretaria da Misericórdia. Dá para passar algumas noites de inverno na sua leitura e ver até onde ia o valor do «Fangueiro» de outros tempos, sobretudo dos pescadores — pessoas importantes no «Vip» de Fão.

• Numa noite, sem vento e morninha de Setembro, houve teatro ao ar livre no novo cen-

tro cultural. Muita gente, de borla, a assistir ao espectáculo, realizado por artistas consagrados. Um outro em que o marido era «enganado» e acabou «peidando-se» para a assistência... Os miúdos da bancada partiram o «côco» a rir-se...

É tempo de repensarmos alguns números revisteiros — os entendidos — a levar à cena naquele anfiteatro, com fins beneficentes, isto é, a favor de uma instituição fangeira.

Está provado que Fão continua a gostar de Teatro, mesmo na praça pública. E se forem «coisas» de Fão... então a lotação esgota-se.

• O Verão, a Colónia Balnear, em Fão/Ofir mudou. Quem a viu e sentiu e quem a vê, tem de aceitar a mudança mas também admitir que a palpitação, a alegria e o ar festivo desapareceram. A partir dos anos cinquenta, que eu me lembro e vivi/trabalhando para a Colónia, ela representava o coração e o pulmão de Fão. Num «mês» de 45 dias, havia todas as noites «baile» no Clube Fãoense! Grandes farras, namoros e casamentos sob o olho vigilante de mães e matronas aí, nessa salinha, se fizeram!

A gincana, no campinho; o passeio de barco à Barca do Lago; o arraial-minhoto; o concurso de pesca; o baile de despedida; os jogos-torneios de Canasta e Sueca e os crochets — no café do Rio — eram o programa «oficial» desta Colónia Balnear que vinha e regressava de camioneta. Em Fão, encontravam sempre quem os servisse.

Depois, nos anos sessenta vieram os ingleses. Misturaram-se com os «locais» que não perderam a oportunidade de criar «laços» de muito amor... na areia. Alguns ficaram mesmo muito «presos» e abalaram... Outros recordam com saudade esse tempo e essas histórias! Eram noites de glória, ter à nossa volta, meia centena de ingleses que dançavam, bebiam e choravam por mais... antes de partir. Não lhes faltávamos com nada... Tínhamos um grupo «protector» das «ingénuas» inglesas e os casais, esses gostavam do «chá» português até às tantas da madrugada. Não tinham medo... Vinham do Ofir-Hotel até ao coração de Fão, todas as noites. O Café-do-Rio, onde eu e os meus familiares éramos pau-para-toda-a-colher recebíamos esta colónia de braços abertos com o apoio do Júlio, do Fernando, do Vítor, do Xico e alguns outros que não convém desmascarar. Ah! Grandes Farras! O tempo não volta para trás.

Hoje, finalmente, temos o Pachá. Nós tínhamos parecido, mas diferente. Era de borla, porque só havia dez tostões para o café; quando elas queriam beber... o pai António é que ficava sem a «dispensa» protegida e o frigorífico aliviado de cerveja e Porto Wine. Mas, apesar do trabalho fatigante, valeu a pena ter vivido e convivido com aquela Colónia Balnear. Tínhamos um grande amigo em cada banhista... Hoje, já restam poucos. E Fão esqueceu-os. Foram eles os «fazedores» da praia de Fão, juntamente com alguns hoteleiros: O Santos Clímaco e o seu «hotel» Lisboa; o tio Peixoto e a Pensão Fãoense; A Senhora Albina da Pensão Cávado; A Família Ferreira da Pensão e Café Galo D'Ouro; O Café-do-Rio (nosso)- dos Peixotos; e as Clarinhas dispersas por várias senhoras e gerações. Foram todos estes, associados aos grandes hoteleiros do pinhal — Sousa Martins; Dr. José Soares; Constantino Araújo; Artur Aires, Rui Gomes; Júlio d'Oliveira e as piscinas do Rio; Todos juntos conseguiram fazer de Fão e do seu concelho um «oásis» turístico, no tempo em que este filão era uma criança. Quem os lembra? A não ser Artur Aires e Sousa Martins, os

DESPORTO

(Continuado da pág. 3)

Zezinho, Didi, Graça, Brasuca e Ruca, estes todos fangueiros, filosofia esta que nos agrada e que por isso mesmo gostaríamos sempre de apoiar nos bons e maus momentos. Ainda temos os poveiros Carlos, Sousa e Agra que já gostam disto tanto quanto os da casa.

Apesar da saída de dois bons jogadores: Pinheiro para o Forjães (clube este que vai voltar a jogar com as equipas do seu concelho, já que deixou a A. F. de Viana) e Pedro para o Marinhas que vai disputar a 3.ª Nacional.

Sendo o treinador o mesmo da época passada (o que nos agrada pessoalmente), acreditamos que a equipa se vai portar muito bem e que lutará pelos primeiros lugares. Sabemos que ajudas não faltarão.

No último jogo de preparação realizado na nossa terra, vencemos o Aguçadoura por 1-0, clube que milita na A. F. do Porto.

FEIRA DE RETALHOS

(Continuado da pág. 7)

outros são apenas recordados nas páginas dos jornais locais.

Se se pretende um monumento ao pescador, na vila-sede; por que não um monumento ao pioneiro do turismo, englobando todos estes homens corajosos que deixaram um «pouco da camisa» para engrandecer a obra a que se devotaram? Que eu saiba, nenhum ficou rico... a não ser de espírito.

VENDE-SE APARTAMENTOS

Pretende uma habitação de qualidade na zona de Esposende ou Póvoa de Varzim?

Contacte-nos pelos tels. (02) 3706209 (dias úteis) ou (053) 981475 (Sábados e Domingos)

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

CABINE TELEFÓNICA

O nosso contrerrâneo Sá Pereira adquiriu duas cabines telefónicas das antigas, de madeira, e ofereceu-as a Fão, sua terra.

Uma já está colocada no largo da Praça. Foi lá montada com toda a pompa e circunstância que meteu até a presença do Director Geral do Telecom, eng.º José Areia.



A montagem da «nova» cabine mereceu a presença do Director Geral do Telecom, Eng. José Areias

Deve dizer-se que a montagem da referida cabine e sua reparação teve no eng. José Areia o melhor acolhimento. Ele deu o apoio balístico necessário.

Agora falta a outra que está a sofrer melhoramentos na estação de Braga.

Resta agora que os fangueiros saibam guardá-los e preservá-los como tem acontecido com a fonte luminosa.

FESTAS DE FÃO

Correram com brilho as festas da Sr.ª da Bonança realizadas nos dias sete, oito e nove de Agosto.

A «ementa» foi completa. Houve conjuntos, festival nocturno, Zés P'reiras, banda de música, fanfarra, piquenique fangueiro, missa campal e ainda a «magesiosa procissão, sermão e bênção do mar». E muitos foguetes.

Isto significa que a Comissão das Festas foi dinâmica, perseverante e muito entusiasta, queremos dizer, trabalhou bem. Estão, pois, de parabéns. Eis os seus nomes que ficam para a posteridade: Armando Solinbo e Armando Barbosa, os boss. E ainda António Soares, António Reis Graça, António Barbosa Rodrigues, Amândio Barra Reis, Francisco Brandão, Joaquim Costa, Augusto Carneiro, Manuel Faria, Adriano Campos, António Magalhães, Francisco Solinbo e Dialfino Passos.

Se algum nome escapou, queremos esclarecer que esta relação foi-nos dada por um membro da Comissão.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 00 61 05-00 10 18-6 37 48 — FAX 067385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1093 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA CEBOLINHA GALEGA

(Continuado do número anterior)

No método de propagação por divisão dos tufos, cada parte da planta é plantada directamente no talhão, respeitando-se o espaçamento acima mencionado.

De 3 em 3, ou de 4 em 4 anos deve proceder-se à mudança da cultura para outro talhão. O material a plantar são os «pés» provenientes da divisão dos tufos das plantas que existiam no talhão antigo.

Os cuidados culturais constam sobretudo de sachas e eliminação das ervas daninhas. Sempre que ocorrem períodos de seca as regras são essenciais.

Nas regiões mais frias, onde são frequentes as temperaturas inferiores a 10°C no Inverno, é aconselhável cobrir as plantas para melhor protecção.

A parte mais utilizada da planta são as folhas, para emprego em saladas e, como condimento, em molhos e outros preparados alimentares.

A colheita é escalonada. As folhas vão sendo cortadas ao nível do solo, à medida das necessidades. De qualquer forma, convém proceder regularmente, pelo menos uma vez por mês, ao corte das folhas exteriores, mais velhas e fibrosas, com o fim de se criarem condições favoráveis ao desenvolvimento de novos rebentos que assegurem, em qualquer momento, a existência de folhas tenras para consumo.

FIM

CULTURA DO ESPARGO

CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO GERAL

Classificação — É uma planta perene, ocupando por isso o terreno durante vários anos.

Pertence à família das Liliáceas que também inclui outras plantas hortícolas — como o alho francês e a cebola —, bem como diversas plantas de jardim. Engloba-se no género *Asparagus*, constituindo a espécie *Asparagus officinalis* L.

Descrição — Resumidamente, a planta possui as seguintes características gerais:

Raís — O sistema radicular é formado por dois tipos de raízes. As raízes principais, que são simples, cilíndricas, carnudas, rasteiras e sem ramificações, actuam como órgãos de reserva dos alimentos necessários à planta. Têm uma duração de vários anos e vão aumentando anualmente em comprimento e em espessura. As raízes secundárias são fibrosas e desempenham um papel de grande importância na absorção das substâncias alimentares. Este sistema radicular, embora com razoável desenvolvimento, é muito sensível à asfixia.

Caule — A partir de uma determinada fase de desenvolvimento é formado por uma parte subterrânea, com muitas gemas, e outra inicialmente também subterrânea e, mais tarde aérea, formada pelos «turiões». Estes enquanto sob a terra, isto é, nas fases iniciais do desenvolvimento, são esbranquiçados, tornando-se esverdeados ou violáceos (conforme a

variedade) a partir do momento em que despontam à superfície do solo. Quando se deixam crescer sem restrições chegam a alcançar 1,5m de altura, lenhificando-se e emitindo ramificações.

Folhas — Estão reduzidas a pequenas escamas, de coloração esbranquiçada. Nas axilas destes órgãos originam-se os raminhos, os cladódios.

Flores — Desenvolvem-se na axila das folhas. Podem ocorrer solitárias ou geminadas. São pequenas, simples e com coloração amarelo-esverdeado. Como já se referiu, o espargo é uma planta dióica, isto é, possui as flores masculinas e as femininas em pés separados. Em geral, as flores femininas são de menores dimensões do que as masculinas.


Frutos — São bagas do tamanho de uma ervilha, a princípio de coloração esverdeada mas, mais tarde, quando maduras, vermelho-alaranjado. Em geral, cada fruto encerra três a seis sementes de cor negra brilhante, de pequenas dimensões e com forma triangular ou poliédrica.

VARIADADES

Existem numerosas variedades que, salvo algumas excepções, se distinguem pelo nome da localidade ou da região onde a sua cultura assume maior expansão.

Na sua maioria, as variedades actualmente cultivadas procedem dos espargos holandeses. Todavia, em anos recentes, o enorme progresso verificado no campo da genética permitiu a obtenção de um grande número de híbridos que tornam previsível um aumento espectacular nas variedades que podem possibilitar a obtenção de produções muito precoces.

(Continua no próximo número)



Basta[®]

a melhor alternativa


Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	18 380	22 708
FAX	922 25 77	89 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo
na agricultura



Cap. Soc. 8 000 000 000\$000000 Reg. Com.
Sítio n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

CARTAS AO DIRECTOR

Administração do Jornal
«O Novo Fangeiro»

Exmos. Senhores,

Venho por estas duas linhas agradecer-vos a iniciativa que tiveram ao fim de tantos anos, e através do vosso grande jornal, que é o «Novo Fangeiro», n.º 94 de 10 de Março de 1992, falarem um pouco do meu falecido pai que era o sr. Anselmo Moreira, que apesar de não ser da terra como os senhores dizem e muito bem, ainda tinha uma certa amizade pela mesma. Tanto eu como minha irmã ficamos muito gratas pela grande iniciativa, pois é bom que essas pessoas que fizeram alguma coisa pela nossa querida terra, que é Fão, nunca sejam esquecidas.

Sem me tornar maçadora, queria fazer uma breve correcção: conforme vocês falam no jornal, o meu irmão João nunca foi pescador, e os meus pais infelizmente não envelheceram na terra como vocês dizem. Foi pena, pois a minha mãe faleceu ainda uma pessoa muito nova, com 43 anos de idade. O meu pai entretanto veio para Lisboa, onde acabou por falecer mas já com mais idade. Como os senhores falam e muito bem, ambos eram Enfermeiros e ambos fizeram serviço aí no Hospital de Fão. Portanto não é o caso como o jornal diz de terem empobrecido, pois para a próxima qualquer dúvida, podem-nos contactar que nós teremos muito gosto em vos esclarecermos para que não aconteça o mesmo.

Já agora queria referir outro assunto que acho será de interesse, e que já foi falado ao que me parece por várias vezes; já que recordaram a memória do meu pai, vocês através do vosso jornal não arranjariam maneira de porem uma placa com o nome do meu pai no corêto que ele ofertou com tanto gosto à nossa querida terra, para que a memória dele fosse recordada pela pouca população antiga que ainda existe? Fazemos votos para que consigam resolver este problema.

E sem me tornar muito maçadora, aproveito a oportunidade para vos fazer um pedido: se teriam possibilidades de me mandarem um Suplemento do tal dito jornal, em virtude de se encontrarem essas duas fotografias do meu pai, e nós não termos nenhuma em nosso poder; caso possam me enviar eu ficaria muito grata e pagarei todas as despesas.

Teria mais para dizer, mas não me quero tornar mais maçadora, despeço-me enviando as minhas maiores saudações, para todos os Fangeiros,

De V. Ex.as
Atentamente,
Inocência Alves Moreira Braga

P.S. — Para qualquer esclarecimento podem-me contactar para a minha morada:
R. Conselheiro Dias e Sousa - 6 - C/E
Cruz Quebrada — 1495 Lisboa
ou através do telefone da rede de Lisboa 4197910

★

Porto Alegre, 24 de Agosto 1992
Senhor Armando
Director do nosso jornalzinho
o Fangeiro

Senhor Armando. Já sou conhecida através de cartas dirigidas ao senhor e também por uma solicitação do meu primo Armando Caramalho intitulado (Recado a Cremilda).

Graças a esse jornalzinho eu tive a alegria de conhecer esse parente através de cartas e telegramas, o que tem me deixado muito feliz pelo carinho e a bondade dele e da esposa. Anseio o dia de vê-los pessoalmente.

Mas o outro motivo é que nos primeiros meses do ano foi publicado no jornalzinho que o Senhor Fernando Almeida, vendo a impossibilidade de daqui mandar pagar a mensalidade, o fez num gesto lindo emocionante que me fez chorar em saber que há pessoas tão sensíveis e de gestos tão grandiosos. Agradeço de coração e peço ao senhor para, por intermédio do nosso jornalzinho, agradecer o lindo gesto do Sr. Almeida.

Parabéns pelo Fangeiro, e receba um grande abraço da patrícia

Cremilda

VALHA-NOS, AO MENOS, ISSO!...

São bem poucos os atractivos — além do pinhal e da praia — que parece poder identificar a nossa terra, por quem cá psasa. Ainda, há tempos, em Cacia-Aveiro, alguém, com quem falávamos, a identificou como a «TERRA DA PONTE DOS SATINHOS». Achemos graça, ainda que lamentando, interiormente, que nada mais tivessem encontrado para a identificar.

É verdade que isto se passou antes de terem sido construídos, os passeios, ao longo da estrada nacional. Hoje, com toda a certeza, aquele alguém teria dito: «AH! A TERRA DOS PASSEIOS DESCE E SOBE»/ E ter-lhe-íamos que dar toda a razão. Embora não sejamos pessoa muito viajada — longe disso, até —, o certo é que, em nenhuma outra terra, vimos ou tivemos conhecimento que houvesse passeios «desce e sobe». Que triste ideia!... Que triste sorte a nossa!...

Esperemos que, um dia, essa triste ideia não venha a ter tristes consequências. Não julguem que falamos por falar. Nós falamos por experiência própria. Um dia, embora já conhecendo esses «desce e sobe», por distração — faltando-nos o terreno de baixo do pé —, fomos bater com este, com todo o peso do corpo, no plano inferior, sofrendo forte dor na colunavertebral e o pior é que, chegando ao sobe correspondente, nele tropeçamos, sendo obrigados a ir com as mãos ao chão.

E depois deste nosso precalço, já mais alguém sofreu o mesmo, ainda que sem consequências de maior, quer num caso quer noutro, Elas, porém, poder-se-iam ter verificado, como um entorse do pé,

uma lesão na coluna vertebral ou, muito pior, um desequilíbrio para fora do passeio e uma consequente colhida por viatura que fosse a passar.

Tudo isto poderia acontecer, mas para o «iluminado» que tal idealizou isso seria, naturalmente, de somenos importância; ninguém lhe iria pedir responsabilidade e, se o fôssem, com toda a certeza, limitar-se-ia a «sacudir a água do capote».

Deixemo-nos de lamentações! Demos graças a Deus! E que agora, sim, já temos mais algo que identifique a nossa Terra. Valha-nos, ao menos, isso!...

QUIM MUATA

RECOLHA DO LIXO

A Câmara de Esposende, adquiriu duas viaturas para recolha de lixo e uma viatura varredora.

Com estas viaturas agora adquiridas, pretende-se aumentar a qualidade de serviço quer de recolha de lixo, quer da limpeza de ruas e passeios.

O custo total das três viaturas é superior à meia centena de milhares de contos.

Salvo uma aquisição efectuada em 1988, há cerca de dez anos que não se compravam viaturas de recolha de lixo, o que originava uma média na idade das viaturas superior a uma dúzia de anos, com as consequentes, e constantes avarias.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suítes e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boíte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (babssiter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

INAUGURAÇÃO DO POSTO NÁUTICO

No Domingo, dia 30 de Agosto, foi inaugurado o Posto Náutico de Fão que se situa junto à R. António Veiga, logo a seguir à antiga fábrica de serração. Presente o Secretário de Estado do Turismo, dr. Alexandre Relvas que se fazia acompanhar pelo Presidente da Câmara Alberto Figueiredo, pelo dr. Francisco Sampaio, da Comissão de Turismo do Alto Minho e demais autoridades.



O Presidente Alberto Figueiredo quando usava da palavra

O edifício foi benzido pelo pároco da Freguesia, rev. P.e Vilar tendo-se realizado depois uma pequena sessão de boas vindas onde intervieram vários oradores. Falou em primeiro lugar Manuel Vieira, Presidente do Club Náutico de Fão, que agradeceu às entidades presentes o seu contributo para que aquela estrutura de desporto e lazer fosse realidade.

Por sua vez o Presidente da Câmara aproveitou o ensejo para fazer o ponto da situação no que diz respeito a obras no conselho, revelando que no seu mandato estas atingem os quatro milhões de contos. Fez ainda um relatório circunstanciado de obras realizadas em Fão: Centro Cultural onde a Câmara investiu mais 4500 mil contos do que estava previsto; Pavilhão Náutico que roçou os 50.000; rua das Rodas e saneamento até Ofir 80.000; compra do terreno para a construção de casas no caldeirão, 44.000; infra-estruturas correspondentes, mais de 20.000; remodelação da rede de águas, 175.000; Pousada da Juventude, cento e tal mil.

Sempre embalado pela enormidade dos números, informou que em 26 concelhos do norte, Esposende foi o segundo concelho mais beneficiado pelos fundos comunitários e ainda foi o segundo com mais taxa de realização de obras.

Por sua vez o dr. Alexandre Relvas

mostrou-se satisfeito com o dinamismo da Câmara de Esposende e mandou um recado aos empresários turísticos: o Governo, para a modernização e reequipamento do parque hoteleiro, concede subsídios a fundo perdido que podem ir até 25% e ao mesmo tempo, financiamento de taxas bonificadas.

O Posto Náutico inaugurado vai particularmente apoiar a canoagem que em Fão está bastante desenvolvida a ponto de ter já um canoista olímpico, Belmiro Penetra, entre os seus filiados.

RIO

*Passa o rio a cantar nas suas margens,
Clara canção que traz desde a nascente,
E ao longo do percurso faz paragens,
Para depois cair numa vertente.*

*E transporta sorrisos de luar,
E também mágoas, porque nesta vida,
Qualquer veleiro pode naufragar,
Se a vela da esperança for rompida.*

*Lançam ao vento harpas cristalinas,
Uns rouxinóis nos verdes salgueirais,
E pela areia quente, as ondas finas
Espalham doces de cristais.*

*Um brilhante colar de fragas lisas.
Contempla pensativo as ondas belas,
E um ligeiro cantar de frescas brisas,
Enche de sonho e cor as brancas velas.*

*Corre uma vez serena, outra veloz,
Esta corrente com perseverança...
E leva da nascente até à foz,
Uma suave aragem de esperança.*

*Numa das margens, onde dorme a areia,
Vem, às vezes, beber branco rebanho,
E costuma, de noite, a lua cheia,
Tomar nas águas calmas o seu banho.*

*Desliza agora um barco, e o timoneiro
Suporta ventos, ondas e marés,
E leva um sonho azul, aventureiro,
Na proa, no porão e no convés.*

*Parece embarcação doutras lonjuras,
Este barco ligeiro a navegar...
Recordam os seus remos, asas puras
E a sua vela é feita de luar.*

DINIS DE VILARELHO

JOSÉ RAMOS DA SILVA

CARTA ABERTA AO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

Desde criança que me habituei a assistir a uma certa rivalidade entre Esposende e Fão, o que considero em alguns casos doentio. Embora tenha que reconhecer certas formas de descriminação de Esposende em relação a Fão.

Se é verdade que gostamos de ver a sede do Concelho próspera e bonita para que todos aqueles que nos visitam levem de nós uma boa impressão, não é menos verdade que o restante concelho não pode ser esquecido.

Eu pertenço àquele grupo de pessoas que sempre pugnou por um Presidente da Câmara que fosse natural da margem esquerda do Cávado. Pensava eu que, sendo este natural deste lado do rio, sempre olharia com mais atenção para os problemas e aspirações das populações desta margem. Ideia essa compartilhada por uma grande maioria dos habitantes de Fão, razão pela qual em 17 de Dezembro de 1989 nas eleições autárquicas, Fão votou por grande maioria a candidatura de V. Ex.ª.

Ainda não terminou o mandato de V. Ex.ª mas devo adiantar que me sinto desiludido.

Não tanto pelas trabalhos aqui realizados, muito embora grande parte das promessas eleitorais estejam por cumprir, mas sobretudo pela falta de consideração pelas tradições fangueiras.

Fão sempre foi considerada uma terra de pessoas sensíveis às manifestações culturais: teatro, música, etc., e embora nos tenha sido prometido para Fão uma Escola de Música e Ballet, nada foi feito.

É preciso que se faça jus aqui à anterior autarquia pois só em 1989 no âmbito do 1.º Festival de Música de Esposende, foram em Fão realizados sete concertos, na maravilhosa igreja do Sr. Bom Jesus.

Com a actual Câmara não tenho conhecimento de que alguma coisa se tenha feito nesse sentido.

Também para comemorar o centenário da Ponte de Fão, essa autarquia mandou cunhar uma medalha comemorativa da efeméride mas o nome de Fão foi simplesmente esquecido. Porquê? A ponte sempre conhecida como a Ponte de Fão! Porquê agora a Câmara querer ofuscar o nome de Fão?

Estou certo que a população de Fão saberá manifestar o seu desagrado por mais esta afronta.

Espero que esta carta, que julgo expressar o sentir do povo fangueiro, mereça da parte de V. Ex.ª a atenção devida.

Com os mais respeitosos cumprimentos

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO